N. 8. Domingo 22 de maio. 1853.

O MOSQUITO.

BIBLIOTECA NACIONAL S.L.R. 3.564/52

PERIODICO POETICO E LITTERARIO DEDICADO AS JOVENS FLUMINENSES.

Publica-se aos domingos. Assigna-se á 1$000 rs. por trimestre em casa dos Snrs. Paula Brito, Praça da Constituição n. 64, e Morando, rua do Ouvidor n. 158, onde se vendem á 80 rs. avulsos.

ALBUM DA NOITE.

Offerecido á Ilm.ª Snra. * * pelo Redactor.

CAP. 3.°

(*Continuação do n. antecedente*).

Qual o Arabe selvagem que, perdido em incognitos desertos, desconhece a vereda da rustica choupana; tal era minha vida antes de conhecer-te; porque o homem não póde entrever um futuro brilhante, se suas ideias se affastarem da mulher, porque é ella o mais nobre instincto que nos guia á felicidade.

E' mister que as aspirações sociaes se conciliem com os anhelos d'alma; e a alma do homem se basêa no gozo, e o gozo é oriundo do amor.

Neste tormentoso cahos em que vivia (porque a vida sem amor é toda material, e em todas as phases da existencia a alma sonha com o objecto de sua predilecção), divisei uma estrella peregrinando no horizonte. Qual a machina que equilibrada fende os ares, esquecida que em breve, aniquilado o gaz, tombará mais prompta que se erguera; tambem eu cégo, pelos fulgores deste astro, intentei seguil-o.

Louco! não me recordava que as felicidades da terra são sempre ephemeras, e que, adorando uma estrella, um gozo do céo almejava.

Após de emballado por suaves intenções, vi eclipsar-se o futuro que previra, cahindo do cimo da ventura, de uma nuvem de esperanças em pelago medonho.

Mas que! Carlina! Affectas indifferença ás minhas palavras? Ingrata! Assim são as mulheres!

A vaidade as corrompe, esquecem-se que o amor da virgem é um sentimento todo puro e innocente; e em busca de uma posição elevada, porque o luxo é o Deos de suas inten-

FOLHETIM.

ADELAIDE OU A FLOR DOS PENSAMENTOS DE UM JOVEN.

Novella pelo redactor, escripta na Campanha Argentina

CAPITULO 7.

A partida.

(*Continuação do n. antecedente*).

Passou, não! no fundo d'alma,
Sentir assim não se acalma,
Cresce em pranto a meiga palma
Que seu amor me deixou!

ABOIM.

Adelaide tinha uma amiga (Henriqueta) em cujo seio tão puro como o seu, ella depositava suas magoas!

Henriqueta era um anjo de bondade! Era uma destas virgens extremosamente bellas, mas que desapercebidas de taes dotes, e insensiveis a louvores, buscam tornarem-se primorosas ornando o seu espirito! Henriqueta pois comprehendia que sua belleza consistia em seus talentos e na educação fina que recebêra de um pai desvelado!

Henriqueta desde o dia fatal conseguíra de seu pai ficar com Adelaide.

Minha Henriqueta (dizia Adelaide em uma bella tarde), eu te devo tantos carinhos, que só t'os poderei compensar com a amizade que te consagro! E tu, minha boa amiga, ficarás com isto satisfeita? Comprehendes os gozos que experimento quando penso em ti? Sabes o que é amizade, este sentimento tão doce que a ti me enlaça?! Comprehendes, Henriqueta! Olha, ambas somos mui jovens, contamos apenas 14 annos, e Deos de ha muito ligou nossas almas! A amizade que te consagro, minha amiga, é uma sensação tão doce como amor! Nos arremessa tambem, ora a pelagos doridos, ora a momentos de extase! Ha tambem o ciume! Este sentimento que sendo tão acre, constitue nossas delicias! Amizade é tambem um dom sagrado, é um senti-

ções, fazem de seu maior thesouro, de seu amor, um brinco, em troca dos coffres que se lhes offerta! Choras? Perdão, eu fui em demasia injusto, e quando sejam reaes minhas palavras, tornam-se credoras de censura, porque a mulher, por muito imperfeita que seja, como por um magnetismo insondavel, nos attrahe á si e nos senhorea! Conhecemos suas imperfeições e nos curvamos a seu imperio!

Oh! perdão te imploro! Se tivesse convicção que dictames tão vis, quaes os da mulher que vende seu amor, eram por ti adoptados, eu teria deixado de navegar em um Oceano onde tinha após de naufragar. Reflecte, Carlina, nestas palavras:

— Uma virgem póde preparar um futuro brilhante a seu amante, porque tão doce instincto o faz superar todas as escabrosidades que se antepozerem á sua felicidade!

(Continuar-se-ha).

Uma hora recordada.

De todas as liberdades do espirito humano, é por sem duvida a de pensar aquella que mais o distingue na natureza. Esta liberdade, que consiste em sentir sensações, sentir relações, sentir lembranças e sentir desejos, perderia o seu sublime, se por ventura uma só de suas faculdades, a de sentir lembranças, deixasse de coexistir com as outras. Assim, a faculdade só de sentir relações, aquella pela qual obtemos — o juizo —, não podendo existir sem a — memoria — ou faculdade de sentir lembranças, e por isso que o espirito não póde occupar-se de duas idéas ao mesmo tempo, é evidente que só por ella é que temos conhecimento de nossa existencia; ora, este conhecimento é que nos dá idéa da felicidade, logo é pela faculdade de sentir lembranças que os homens podem ser felices.

E na verdade, é bem feliz aquelle que sabe se recordar!! A esperança, este alimento da existencia, fundando-se na relação que existe entre o presente e o passado, recorda sempre esse passado com satisfação para, estendendo seus braços até o futuro, julgar da felicidade.

Nem se diga que uma lembrança triste póde magoar o coração; porque o amor de si expontaneo, esta attracção de todos os viventes para o prazer, não permittindo que uma recordação pungente affecte causa animadora, sempre endereça seus vôos para uma região apprazivel.

E que ente, por mais desventurado que se considere, não tem tido uma hora de regosijo? Que alma, por mais captiva que seja da materia, não se sente arroubaba ao possuir-se da recordação dessa hora em que, no festim da felicidade, seus sentidos se embriagavam com o nectar do prazer? Quem? Quem não amará a lembrança d'uma hora passada entre folguedos e sorrisos?! Oh! eu amo, e muito, a lembraça d'uma hora venturosa que gozei, como só amo a donzella que soube dar-m'a! Eu gosto de recordar-me desta hora, porque a lembrança ainda é uma gratidão que as almas bem formadas votam ao tempo que lhes surrio.

E tu, que agora me lendo tambem já gozaste uma hora de prazer, responde: não gostas de sua recordação?.. Aquelle que nos confins da existencia, tendo os olhos embaçados pela decupidez, julga o sol escuro quando elle mais rutila, não recobra energia ao recordar os tempos de sua bella mocidade? Vê

---

mento conhecido sómente por almas grandes! Amizade é amor, mas amor da virgem para a virgem! Eu te amo, pois, porque sou tua verdadeira amiga, porque ambas somos virgens!

— Eu te comprehendo, minha Adelaide! Meu coração conhece tambem essa sensação doce que definiste! Sim, eu tambem te amo, eu sou a melhor de tuas amigas, porque meu coração só se occupa de ti! Eu porém sou menos feliz, porque uma pessoa ha que impera em teu coração, entretanto que o meu é só teu!

— Não digas tal, Henriqueta; tu te enganas! O amor que consagro á Cesilio, liga mais minha alma á tua! Olha, no mesmo coração podem habitar muitas imagens, tributando-se um sentimento differente a cada uma dellas! Não me amas?

— Sim, Adelaide, como uma donzella póde amar á sua melhor amiga!

— Pois bem; e este amor que me consagras fez desmerecer o que tributas a teus pais! a teus irmãos!

Não!

Então já vês que amas a mais de um objecto, e que por isto a affeição nunca diminue! Amarás algum dia a um mancebo, e nem por isto deixarás de me amares tambem, não é assim?

— Sim, minha Adelaide, amar-te-hei sempre! Mas eu vejo a primazia que tens sobre mim! Fallas de uma maneira que encanta e que enleva! Amor sobre ti tem produzido grandes effeitos! Este Cesilio que te inspirou um sentimento tão nobre deve ser um mancebo distincto! Não é assim, Adelaide!

— Oh! Henriqueta! Tu és innocente! Tuas expressões são simples como os arrulhos da terna pombinha que ainda não sahiu do ninho materno! Tu não podes ainda comprehender o que a alma sente quando amor a penetra! Ainda não amaste, não podes conceber portanto o enleio de nossos corações quando um ente qual Cesilio lhes inspira

com que fogo de enthusiasmo elle diz: — Quando eu tinha vinte annos, isto se passava assim.

O brioso soldado, quando reconta na paz as façanhas de sua intrepidez nos combates, dizendo que não estremecia ao ribombo do canhão, nem aos zunidos dos projectís que crusavam o espaço, não sente igual ou maior prazer, que nessa hora gloriosa em que a orchestra marcial retumbando em todos os angulos do campo que presenceiou a carnagem attendia o céo com os brados de victoria?

Seus olhos, expellindo labaredas de enthusiasmo, não dizem que sua alma se acha transportada ao cume da felicidade?

Pois bem: Quando o destino te descarregando seus golpes, emmurchecer tua alma aos sôpros da desventura, lembra-te que a memoria é causa da felicidade e busca em — Uma hora recordada — o balsamo do soffrimento: Quando o teu coração sangrado por uma recordação bem triste, gotejar amargura nos transes de cruel dôr, recorda a hora que mais te lisongeou na vida, que a chaga sanará após. Mas se longe de te contentares com esta recordação, não souberes subjugar o mal, aggravando a dôr que te lacera o peito, então é que tua felicidade se cifra no presente; é que tu és um materialista estupido a quem falta memoria para recordando o passado ajuizar do futuro; é que tu não és homem, és um desgraçado!...

RY. FILGUEIRAS.

Parte da festa de S. Benedicto em Campos.

Eram duas horas!... As girandolas no ar se emmaranhavam! os repiques dos sinos, e uma grande banda de musica annunciavam um grande festejo!... Que festa é esta?... uma missa.

Sim, o Santo Sacrificio da Missa acabava de ser pomposamente celebrado em louvor do Glorioso S. Benedicto!..

O Largo do Rosario estava apinhoado.

A porta do templo ricamente armada: por ella sahia grande concurso de ambos os sexos.

Eis que sahe uma mulher, de fronte altiva, cabeça com gosto preparada, sobre a qual descansava uma corôa de prata; orgulhosa e ufana qual Semiramis, com passos lentos e firmes, acompanhada por um grande numero de irmãos, cobertos estes com guarda-sóes matisados de differentes cores, enthusiasticamente a acompanhavam: e, marchando ao som da musica, a levavam á sua habitação!... Quem era essa mulher?...

Essa mulher!... era a rainha da festa.

Após ella vinham as princezas (suas filhas) e toda a familia real.

Diversos as seguem, e ellas ufanas caminham.

O concurso era assás grandioso.

Dous mancebos sahem tambem do templo: um, alto, pallido, feição cadaverica, que exprimia o peso de uma grande enfermidade; a que mui breve elle se renderia; curvado, e com lentos passos, se dirigio para a rua do... acompanhado por seu companheiro, o mancebo esbelto, e de feição animada. Elles caminham por essa rua, e ao mesmo tempo contemplam as bellas e formosas donzellas que pousavam em diversas janellas! Era nesse dia a rua do... um jardim completo de abundantes e variadas flores!... Era o verdadeiro Paraiso...

(Continúa).

---

amor! Olha! eu comprehendi ser amada por elle, sem que nunca me dissesse! Soletrei em suas feições amor, porque quem ama pela primeira vez traz impresso na fronte o sentimento que occulta n'alma! Cesilio partiu, e sua ausencia em nada diminuio minha affeição. Ao contrario, de dia em dia cresce o amor, e minha alma se enleva de prazer quando velando entrega suas meditações a elle!

— Olha, Adelaide! Eu hei de amar muito a Cesilio porque tu tambem o amas, amal-o como tu, com o mesmo fogo, e com a mesma nobreza! Adelaide ardeu em ciume pela primeira vez em sua vida de virgem! A innocencia de Henriqueta lhe accendeu n'alma esta dôr tão pungente que os idiotas temem; esta dôr que rompe como o furacão na primavera, e que desapparece tão prompto como nascêra! Adelaide disfarçou seu enleio, e buscou tranquillizar sua alma!

— Agora, minha Henriqueta, acabo de testemunhar tua innocencia! Olha, terias exasperado a outrem se lhe dissesses que amarias esse amante; porém eu conheço quanto és sincera, e te relevo! Não é permittido o amar-se o amante das amigas; estima-se tão sómente! E a estima differe de amor! Estimar é tratar com predilecção a um ente por esta ou aquella circumstancia, e tu, Henriqueta, deves estimar a meu amante porque é o ente escolhido por tua amiga! Teu amor só pertence ao que tiver de ser teu esposo! Comprehendeste-me?

— Sim, e perdoa-me se plantei a dôr em teu coração! Eu proferi taes palavras insensivelmente, porque julguei que uma amiga verdadeira não deve ter predilecção a um ente que á outra não permittisse! Tu porém me déste uma idéa de amor, e por iste te agradeço! Pesarei minhas palavras, e nunca mais far-te-hei corar por minha indiscrição.

(Continua).

Á bella Grvznha.

Eu vi-te, Gervina, tão cheia de graça,
Qual lyrio nascendo no fundo de um bosque,
Eu vi-te tão bella, tão pura, tão fada,
Qual Colias em Páphos cercada de nymphas,
Teus olhos brilhantes, repletos de ardor,
Ao centro do peito mandaram-me chammas!
Se Paris te visse Helena deixara,
Se Marte te olhasse, o gladio quebrara,
Hegémone te vendo tornara-se em furia,
Jove rendido, amor te impetrara.
Gervina gentil, se és anjo, me dize,
Porque peregrinas em cahos tormentoso,
S'a terra deixasses, se subisses ao céo,
Dos anjos primor serias eleita!
Gervina do céo, eu sinto um tormento,
Que esmaga-me o peito, que me dilacera,
Amor, Acirina, quem sabe inditoso,
Amor que nasceu de seres tão bella!

Já te amei.

Que importa, mulher,
De seres formosa,
De teres da rosa,
Nas faces a côr,
Se foste perjura
Se já não és pura!

São côr de saphiras
Teus olhos formosos,
Mas são mentirosos,
Na doce expressão;
São olhos traidores,
São vis impostores.

São alvos teus dentes
Teus labios corados,
Com graça talhados,
Em fulveos crystaes;
Mas são fementidos
Nos risos fingidos.

Murcharam-se as flôres
De tua grinalda,
Apenas tocada
Por dedos impuros;
Perdeste a candura;
Tu já não és pura.

Tu choras? é tarde,
Porque te illudiram,
Porque te mentiram,
Nas doces palavras
De quem te perdeu,
Que já teu esqueceu!

És bella, bem sei,
Mas isso que importa?
P'ra mim já és morta,
Pois casta não és;
Se tens formusura,
Tu já não és pura!

Mulher, que te resta,
Venderes teus beijos,
Aos torpes desejos
De quem t'os comprar:
Perdeste a candura;
Tu já não és pura. *Lerak de Sá.*

Uns cabellos louros.

Certos cabellos eu vi,
Cabellos tão feiticeiros,
Q'os labios della beijando,
Fizeram-me prisioneiro.

Cabellos tão bellos,
Seus labios beijando,
Enfeitiçam minh'alma,
Sons nella vibrando.

Cabellos que negligentes,
Em seu cólo repousando,
Co'as auras lédos bolindo,
A todos vão enredando.

Florinha, prende os cabellos,
Não queiras mal me fazer,
Que estes cabellos soltos,
Pódem mui bem me prender.

CHARADAS.

Não é bom meu masculino
Nem o podemos chamar,
Pois acção, que me possue,
Ninguem a quer praticar. } 1

Com razão eu assim fiz,
Quando ella chegou-se a mim,
Pois que era muito bella,
Bella como um jasmim. } 1

No homem não me acharás
E nem me pódes achar,
Pois sirvo só á mulher,
E existo no altar. } 2

CONCEITO.

A primeira com a segunda
E mais uma accrescentada,
Um nome divino fórma,
Fórma palavra adorada.

A terceira com a quarta
Já podeis adivinhar:
Quem vos daria as primeiras
Se eu não pudesse dar?

A segunda com a terceira
É cousinha que fazia
Aquelle que estava alegre
Em contrario ao que gemia.

A primeira com a quarta
Fórma nome de parente;
Verás no diminuitivo
Que me chamma muita gente.

O meu todo é de senhora,
Nobre, Gentil, Generosa,
Que tem por alma um jasmim,
Por coração uma rosa.

A decifração das charadas do numero antecedente é: da 1.ª, *Europa*; da 2.ª, *Amalthea*; e da 3.ª, *Cinnamomo*.

Empreza Typ.— DOUS DE DEZEMBRO— de Paula Brito
Impressor da Casa Imperial.